

Aloísio Araújo

“Investimento precoce em Educação dá retorno elevado”

_Matemático, economista da Fundação Getúlio Vargas e coordenador do Grupo de Estudos de Aprendizagem Infantil da Academia Brasileira de Ciências diz que o Brasil deve investir mais na educação infantil

CLAUDIA FELIZ
cfeliz@redgazeta.com.br

Se você está planejando ter um filho, e sonha para ele um futuro promissor – o que inclui formação acadêmica de ótimo nível, que o faça destacar-se profissionalmente – saiba que não deve esperar muito para fazer os investimentos necessários. No livro “Aprendizagem infantil – uma abordagem da neurociên-

cia, economia e psicologia cognitiva”, que acaba de ser lançado, sob a coordenação do professor Aloísio Araújo, da Fundação Getúlio Vargas, médicos, economistas e neurocientistas alertam sobre os cuidados que devem ser tomados na primeira infância, desde a gestação.

O senhor coordenou a publicação de um livro que reúne visões diferentes sobre o que contribui para a formação das pessoas. Ele reúne médicos, neurocientistas e até economistas. Como as questões interagem?

O livro aborda aspectos ligados à criança, desde o pré-natal, porque neurocientistas lembram que o cérebro se forma cedo. A nutrição é muito importante ao longo da vida, e tem relação também com a educação. Daí a necessidade de se orientar a mãe para que ela tenha um cuidado especial com seu filho, além de lhe garantir equilíbrio emotivo. Um dos pesquisadores com texto publicado no livro mostra que macacos criados com a mãe têm uma expectativa de vida mais longa, porque o fator emocional dela é muito importante. Na Romênia, por exemplo, onde não faltava alimentação e bom ensino, mas as crianças eram levadas para orfanatos, um estudo mostra que o desempenho delas não foi bom porque faltava esse lado emocional. Outro detalhe importante: essas crianças não desenvolveram o cérebro direito.

Qual é a visão econômica?

Os economistas observaram resultados em dois grupos de crianças de baixa renda. Um recebeu uma atenção especial em idade pré-escolar, com educadores que o estimulavam, e outro não tiveram nada disso. Essas pessoas foram observadas ao longo da vida, e estão hoje com 50 anos. O grupo que recebeu atenção especial teve rendimentos escolar e profissional, no mercado de trabalho, muito melhores, com uma incidência de problemas como abandono da escola, gravidez precoce e criminalidade, também muito menor.

Onde foi feita essa experiência?

Nos Estados Unidos, quando da realização do programa Guerra da Pobreza, feito pelo presidente Johnson. Mas aconteceram outras experiências que mostraram sempre esse resultado. Os economistas calculam a taxa de retorno do investimento em educação, de acordo com a faixa etária da criança. Quando o investimento é feito precocemente, o retorno é muito mais elevado. O rendimento vai caindo a medida em que se faz a intervenção mais tardia.

Chega a quanto?

Quando é precoce, até os 4 anos, chega a 17% ao ano. Somente no aspecto educacional – sem falarmos em problemas de ordem médica – é bastante alto.

No Brasil, só recentemente o ensino fundamental ganhou o nono ano, com as crianças entrando aos 6 anos de idade na primeira série. O país ainda está muito atrasado, nesse aspecto?

A primeira série aos 7 anos era tardia. O início aos 6 já é um grande avanço, e municípios e Estados já se prepararam para uma ampliação ainda maior da escolaridade obrigatória no Brasil, porque já foi aprovada a educação básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade. Com 4, 5 anos, a atividade será mais estruturada. Sabe-se que crianças que passaram pela pré-escola têm um rendimento melhor do que as que não passaram. Mas, no livro, os pesquisadores mostram a importância também de um investimento anterior a essa fase. Já no pré-natal, até os 3 anos. É a chance de o Brasil, que sempre foi tão retardatário na área da Educação, assumir um papel entre os líderes.

Esse investimento seria em creches?

O que se propõe é que ele se dê via sistema de saúde, e uma experiência bem sucedida, exemplar, nessa área, no mundo, é a cubana. No livro, um médico canadense atribui a performance escolar fenomenal que têm os cubanos – que corresponde ao topo dos países ligados à Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) –, à boa assistência à saúde dedicada à criança, com estímulos cerebrais, nutrição muito saudável, além da valorização da auto-estima dessa criança, e exercícios fonéticos. Cuba gasta quantia semelhante a outros países da América Latina, em relação ao

Produto Interno Bruto (PIB), na educação em geral, mas, na educação infantil, o país gasta muito mais. Seu programa foi copiado pelo Chile, com a gestão de Michelle Bachelet. No Brasil, temos alguma experiência no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, em Brasília, mas o ideal é que seja algo em grande escala, como o Chile fez, e que, comprovadamente, dá resultado.

Em relação ao desenvolvimento fonético da criança, o livro aborda, mais uma vez, a importância da relação mãe-filho, e a influência do meio.

Exatamente. Por isso, pense num pediatra, além de cuidados e orientações médicas, receitando à mãe a leitura de livros para a sua criança. O Sistema Único de Saúde (SUS) teria que ter esse olhar mais intenso sobre a qualidade da saúde, alimentação, envolvendo também outros aspectos, com estímulos cerebrais desde o pré-natal, nos primeiros meses de vida da criança. Existem muitas experiências nesse sentido, nos Estados Unidos, no Canadá.

Sabe-se da preocupação de mães de classes mais abastadas em relação à alfabetização das crianças precocemente, introduzindo o contato delas com letras, palavras. Mas há quem questione isso. Qual é o limite?

É preciso bom senso, equilíbrio. Uma criança que não está exposta à fonética nenhuma, não é razoável que receba esse tipo de abordagem tão cedo. Mas, nos Estados Unidos, há estudos onde mães introduzem 40 palavras por semana no vocabulário das crianças. Pes-

soalmente, sugeriria a abertura de creches-modelo, associadas a universidades, que façam pesquisas nessa área. Mas a gente sabe que a criança tem que ser estimulada, e isso pode ser com brinquedos de montar. Os chilenos, por exemplo, distribuem um kit para as mães. Sabe-se que a fonética desenvolve-se com meses – e isso não quer dizer que queiramos crianças políglotas.

No Brasil, a realidade é que muitas mães sem recursos financeiros não têm creches para os seus filhos. Principalmente as trabalhadoras de baixa renda vivem esse drama.

É verdade. Mas a abordagem pode ser feita com os recursos que temos hoje, na rede de saúde. E é preciso treinar as pessoas que atuam nessa área, para aplicação de testes de desenvolvimento motor, dando às crianças uma atenção maior. Pensar na universalização das creches já é algo mais difícil. A demanda da mãe que trabalha é legítima, mas Cuba, por exemplo, não universalizou creches e está no topo da OCDE.

Hoje, as avaliações, no Brasil, mostram que o desempenho dos nossos estudantes não é nada bom. O que esperar do futuro dessa geração que não está recebendo a atenção proposta pelos pesquisadores, tanto do poder público quanto das famílias, que também precisam ser assistidas?

Olha, eu não sou tão pessimista. É aquela história de se olhar o copo metade cheio, metade vazio. Em relação ao que tínhamos antes, avançamos. O ingresso aos 6 anos no ensino fundamen-

tal, e a entrada de crianças aos 4 e 5 anos, na educação infantil, já estão dando resultados. Os nossos índices vão melhorar com o que já está sendo feito, mas nós queremos avançar. Atualmente, temos uma cobertura de 97%, 98% de crianças matriculadas.

Mas ainda temos crianças lendo sem entender o que leem.

Mas antes era pior. Há 30 anos o nosso índice de analfabetismo era altíssimo. O Brasil, por ter negligenciado a educação, tem ainda metade das crianças originárias de lares onde os pais têm baixa escolarização. Há uma parte grande do copo ainda vazia, mas evoluímos.

O saldo do investimento vamos conhecer em 10, 20 anos?

Olha, não sei estimar. No Brasil, ainda temos só 60% das crianças terminando o ensino médio – na Coreia são 96%, e nos Estados Unidos, cerca de 90%.

A causa é o ingresso precoce no mercado de trabalho?

Não, é porque como muitas crianças começaram com uma educação de baixo padrão, não suportam permanecer na escola por mais tempo. Aprenderam pouco no início, e por isso, para ela, fica difícil avançar. Crianças que vêm de lares com nível de educação mais precário, não conseguem corrigir isso. Se atuarmos precocemente, vamos ter mais pessoas em condições de concluir o ensino médio e chegar à universidade. Para, dessa forma, podermos ter uma sociedade mais justa e um país mais rico.

“

Pense num pediatra, além de cuidados e orientações médicas, receitando à mãe a leitura de livros para a sua criança”

“

“Boa parte da formação de capital humano dá-se na família, nos primeiros anos de vida. Pais mais educados, através de leitura e estímulo, preparam melhor a criança para quando ela ingressar na escola”



Aloisio Araújo lembra que o descaso com a Educação resultou em altos níveis de desigualdade de renda no Brasil, prejudicando o desenvolvimento econômico do país

ANA BRANCO/AG. O GLOBO

